

## **ATIVIDADE DE ENSINO: SENTIDO PESSOAL ATRIBUÍDO PELAS EDUCADORAS DE CRECHE**

EstefaniaManholer

UFMS/CPAN

A Educação Infantil no Brasil percorreu e percorre um complexo caminho em busca de sua consolidação. Isso se dá pelas concepções de criança, infância e Educação Infantil presentes nestas temáticas ao longo do tempo, no Brasil e no mundo. Concepções estas que estiveram por trás das políticas públicas para o setor e, inclusive, influenciam a compreensão que os profissionais da área tem sobre esse nível educacional.

Para que seja possível compreender a relação entre os profissionais da Educação Infantil e as concepções relativas ao atendimento da criança pequena, partimos do princípio que por trás de qualquer prática ou discurso está presente uma concepção de homem e de mundo; assim como que, incluída em uma concepção de homem, há uma concepção de criança. Da mesma forma, em uma concepção de mundo, há uma concepção de infância e em uma concepção de educação, há uma concepção de Educação Infantil (MANHOLER, 2018).

Tal lógica se revela quando os temas “criança”, “infância” e “Educação Infantil” não aparecem nos discursos diretamente, uma vez que o fato de não aparecer já representa algum pensamento sobre. Em outras palavras, um discurso sobre a importância da educação que não mencione a educação das crianças pequenas e suas especificidades, já guarda em si uma concepção sobre esse nível educacional e os seus atores.

Na década de 1980, a partir da mobilização de vários segmentos da sociedade civil em defesa dos direitos sociais da criança e, paralelamente, um número maior de estudos sobre a infância, as discussões sobre infância e uma política específica para atendimento das crianças de zero a três anos aumentaram no Brasil, resultando em mudanças significativas para o segmento, encontradas na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional de 1996 (LUZ, 2006).

As mudanças nas concepções de infância e criança, como a compreensão atual da criança enquanto ser completo dentro de suas especificidades e das condições que lhe são possíveis, também permitiram novos entendimentos sobre o papel e a função da Educação Infantil, (BUJES, 2011). Tais mudanças representam avanços no atendimento às crianças pequenas, mas há que se refletir sobre de que forma e se isso chega às crianças, pois a Educação Infantil de qualidade não depende apenas de melhores diretrizes ou de normatização mais ampla e abrangente. (ROSEMBERG, 2015). Tal reflexão nos aponta para

a importância de olhar para como os atores da creche concebem a criança, a infância e o trabalho educativo nesse espaço, pois isso irá determinar significativamente sua forma de atuação (MANHOLER, 2018).

A relação entre as concepções acerca de determinado tema e as práticas advindas disso pode ser explicada a partir da Teoria da Atividade, de Leontiev, para a qual, toda atividade realizada por uma pessoa apresenta um objetivo e um motivo; dependendo da concepção que norteia a atuação, muda a relação entre o motivo e o objetivo. Assim, no caso da atuação da educadora da creche, esta dependerá invariavelmente da intenção de sua atividade, da concepção que ela tem do trabalho a ser realizado. Quando o motivo da atividade de um indivíduo não é condizente, mesmo que de modo mediado pelas relações sociais, com as ações que estão sendo empregadas, tem-se uma ação alienada ou alienante. Isso porque toda atividade possui um significado social, o qual é apropriado pela consciência do indivíduo e por ele é formado, para esse significado, um sentido pessoal; caso esse sentido não seja condizente em nenhuma medida com o significado social, tem-se a alienação (MANHOLER, 2018).

Considera-se que, para os profissionais da educação, essa relação apresenta um agravante quando compreendemos o processo educativo a partir da perspectiva Histórico-Cultural, que compreende o homem como ser social, por acreditar sem o convívio com os outros da mesma espécie, o indivíduo não seria capaz de desenvolver-se com qualidades, habilidades e comportamentos especificamente humanos (MANHOLER, 2018).

Assim, a educação cumpre papel essencial no processo de humanização da criança, desde os primeiros anos de vida, pois, é no processo educativo que à criança será apresentado o patrimônio humano genérico, um arcabouço cultural construído ao longo da nossa história, e que, ao ser por ela apropriado, promoverá seu desenvolvimento. Dessa forma, compreende-se o importante papel da creche na socialização da criança em seu sentido amplo, que deve ocorrer de forma intencional e organizada, respeitando as especificidades da criança pequena, o que requer a compreensão e o conhecimento sobre criança, infância e Educação Infantil de forma aprofundada e crítica (MANHOLER, 2018).

Assim, pensar nessa problemática faz-se relevante para que seja possível compreender em que medida as condições concretas de atuação dos educadores da Educação Infantil permitem que eles tenham uma atuação que promova humanização; bem como em que medida eles próprios se veem nesse papel de potencializadores do desenvolvimento infantil, sem deixar de promover a infância, principalmente com as crianças pequenas.

A partir do exposto, parte-se da premissa de que os sentidos atribuídos ao trabalho realizado na creche, por parte das profissionais que ali atuam, e que influenciam na sua prática, estão relacionados às concepções que elas possuem sobre criança, infância, Educação Infantil e, especificamente, sobre estes temas no contexto da creche. O que suscita os seguintes questionamentos: como as educadoras da creche compreendem a função social da Educação Infantil? Como elas percebem seu papel nesse processo? Como compreendem as especificidades infantis nas diferentes idades? Como compreendem o espaço da creche?

Buscando responder essas questões, a pesquisa tem como objetivo geral, compreender o sentido pessoal que as educadoras de crianças de zero a três anos atribuem à atividade de ensino na creche. E, ainda como objetivos específicos: identificar como as profissionais enxergam o papel da educação infantil na formação do ser humano; verificar qual o nível de identificação destas profissionais com o trabalho que realizam; discutir, em termos práticos, sobre como aproximar sentido e significado do trabalho docente no espaço da creche; e refletir sobre a relação entre sentido e significado do trabalho docente na creche enquanto espaço de humanização. Para alcançar os objetivos descritos, a pesquisa em nível de Mestrado, em andamento, é caráter qualitativo, tendo como instrumento de coleta de informações entrevistas semiestruturadas, realizadas com seis educadoras efetivas de creches da rede pública municipal de Corumbá-MS.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; educadoras de creche; sentido e significado.

### Referências

BUJES, M. I. E. Escola Infantil: Pra que te Quero? In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.p. 13-22.

LUZ, I. R. Educação Infantil: direito reconhecido ou esquecido? **Revista Linhas Críticas**, v.12, n.22, p. 41-57, jan./jun. 2006.

MANHOLER, E. Educadoras de crianças de zero a três anos e o sentido pessoal da atividade de ensino. In: Jornada do Núcleo de Ensino, 17, Congresso Internacional sobre a Teoria Histórico-Cultural - Significado e sentido na educação para a humanização, 4, 2018. Marília. **Anais eletrônicos...** Marília: UNESP, 2018. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/publicacao.asp?codTrabalho=Mjc2MTg=> Acesso em: 03 de Out. 2018.

ROSEMBERG, F. Políticas públicas e qualidade da Educação Infantil. In: ARTES, A.; UNBEHAUM, S. **Escritos de Fúlvia Rosemberg**. São Paulo: Cortez, 2015.p. 216-235.

**III Congresso de Educação do CPAN**  
**II Semana Integrada Graduação e Pós-Graduação**  
**Base Nacional Comum Curricular: impactos na formação de professores**  
**26 a 29 de novembro de 2018**